



RETRATO DE VAN DYCK.

SABIDO é que foi Rubens o fundador da grande escola de pintura, dita flamenga: — Van Dyck foi o seu melhor discípulo, e por isso o segundo na ordem dos que illustraram essa escola. Watelet, escriptor entendido na materia, diz: — «Se não põem Van Dyck, como pintor d' historia, na mesma cathogoria que Rubens, confessam que excedera este na delicadeza dos toques e das côres, e que no mais algumas vezes o igualára: se não teve o mesmo calor d' imaginação, a mesma abundancia de talento, empregou por outro lado traços mais mimosos, melhor character de desenho, mais verdade no colorido. Pela reunião destes bellos dotes que possuia, talvez que viesse a ser superior ao mestre se não tivesse sido distraído do genero historico, que pintava com summo gosto. Como retratista tem inegavelmente o primeiro lugar depois do Ticiano, e mesmo este não lhe leva a palma senão pelo que respeita ás cabeças, porque o flamengo vence-o na elegancia dos accessorios, e os reproduzia com a maior verdade conservando a sua *maneira* franca; accusava o character de tudo o que queria representar sem cahir todavia naquelle modo frio e falto de graça que muitos julgam proprio do genero de retratos, como se todos os generos de pintura não tivessem igualmente por fim a expressão das apparencias da natureza: sempre as suas attitudes são simples, e agradam sempre porque são naturaes: nas cabeças pôz tanta expressão de verdade como pericia d' arte.» — A fecundidade do pincel de Van

Dyck assombra, como a de Rubens, e mais ainda como a de Raphael, porque Rubens falleceu velho. Verdade é que para o fim de seus dias, quando em Inglaterra se via cercado de muitas obras, tinha adoptado certa *maneira* expeditiva: não foram porem esses paineis acabados á pressa que lhe adquiriram subida reputação; o grande numero de quadros da melhor epocha da sua vida provam que bem sabia ligar a facilidade de *maneira* com o acabado e perfeição conveniente.

Antonio Van Dyck nasceu em Antuerpia em 1599: pela affeição ás artes e aproveitamento no estudo distinguuiu-se logo entre seus condiscipulos, merecendo a estima e elogios do mestre. Um dia que Rubens sahira da officina a espraiair e refrescar a imaginação, como elle dizia, Van Dyck e seus companheiros entraram no gabinete do mestre para examinarem um «descimento da cruz» que andava pintando, approximando-se porem demasiado do quadro, e tropeçando um cahiu, e desfigurou o braço á Madgalena, e a barba á Virgem, a que Rubens acabava de dar o ultimo retoque: temerosos das consequencias que a sua imprudencia occasionaria, estavam insensatos sem saberem tomar resolução, quando um delles mais arrojado bradou: «É mister que sem perda de tempo remediemos este ruim acaso: temos ainda tres horas, tome o mais habil a palheta e tente reparar o que se desfigurou: por meu voto elegeria Van Dyck:» — todos applaudiram a escolha, excepto o preferido; mas instado dos

companheiros, e receoso do enfado do mestre, pôz-se á obra, e a desempenhou com tal mestria que Rubens, ao examinar na seguinte manhã o que pintára no dia anterior, disse em presença dos discípulos que medrosos o estavam olhando «—parece-me esse braço e essa cabeça o melhor que hontem acabei.»—Este quadro do descimento, dos mais formosos de Rubens, existe agora na igreja de N. S.^a d'Antuerpia.

Cubiçou Van Dyck conhecer o famoso Hals, e a esse intento fez expressamente uma viagem a Haerlem: vaãs foram as suas diligencias para o achar em casa, e afinal resolveu-se a deixar-lhe recado de que uma pessoa o esperava para retratar-se:—quando se viu na presença de Hals, disse-lhe que era um estrangeiro, e que desejava lhe tirasse o retrato, porem que para essa tarefa só podia dispôr do tempo de duas horas: Hals tomou o primeiro pedaço de tela que lhe ficou á mão, e depois de haver pintado breve espaço pediu ao supposto estrangeiro se erguesse para observar o que estava feito:—o modelo deu-se por mui satisfeito da copia, e travando conversações indifferentes, trouxe a campo o assumpto da pintura, de que disse ter algumas luzes, e que se lho permittisse mostraria o pouco de que era capaz; e tomando tambem outro panno, rogou a Hals que occupasse o lugar que elle havia deixado: assim foi feito por mutua condescendencia: mas que assombro foi o de Hals quando ao levantar-se viu o retrato! — «o senhor por certo é Van Dyck! — foram as suas primeiras vozes, abraçando o collega com transportes de admiração e affecto. Desde então os dois artistas mantiveram reciproca e sincera amisade.

Van Dyck visitou, para instrucção propria, Roma, Florença, Genova e Napoles, e tambem viajou pela Sicilia: de volta á patria deu-se, já então bastante conhecido, ao exercicio de sua arte; e por esse tempo aconteceu com elle uma anecdotta, que devemos referir. O cabido de Courtray encommendou-lhe um painel para a bócca do retábulo do altar-mór da collegiada: o artista pintou um Christo crucificado, e escolheu a situação em que os algozes, acabando de pregar no madeiro a victima sagrada, arvoram a Cruz para a fixar no solo: concluida a obra veio appresenta-la ao cabido, os conegos concorreram a vê-la e declararam unanimes que a pintura era detestavel e o pintor um ridiculo borrador. A custo pôde conseguir que assentassem o quadro em seu lugar e lhe satisfizessem o preço. Todavia algumas pessoas curiosas, intelligentes da Arte, passaram por Courtray, viram e louvaram com admiração o painel, deitaram boa fama delle por outras terras de Flandres, e os bons e competentes juizes, e professores, que o vieram contemplar, declararam que esta crucifixão era o melhor quadro do auctor. Os conegos, pasmados então de sua crassa ignorancia, lembraram-se de encommendar mais dois paineis a Van Dyck, que lhes fez a justiça que mereciam, e se desforrou do insulto que recebêra, não acceitando a obra.

Viajou novamente este artista, deixando nas principaes côrtes vestigios do seu talento, principalmente como retratista, porque não tendo rival neste genero era pelos principes e poderosos procurado: assim adquiriu riqueza bastante, apesar da profusão de seus gastos; onde principalmente augmentou os seus lucros foi na Inglaterra, sendo chamado a Londres por Carlos 1.^o que lhe prodigalisou distincções e favores: nesta côrte tratava-

se como rico e cavalheiro, e desposou-se com a filha de lord Ruthwen, d'uma casa mui illustre da Escocia; todo o dote da senhora consistia porem em alta jerarchia e extremada belleza.

Van Dyck era prodigo e ostentador: sabia ser cortesão, como entre outras se mostra da seguinte anecdotta.—Retratando a esposa de Carlos 1.^o detinha-se nimiamente a contemplar-lhe as mãos que eram mui formosas, no que attentando a rainha perguntou-lhe porque se esmerava mais em copiar as mãos do que o rosto:—respondeu o artista:— «porque espero, senhora, que essas mãos me dêem recompensa digna de quem tão lindas as possui.» — Falleceu em Londres, de 42 annos, em 1641.

A PERDA D'ARZILLA.

[1549.]

Era noite: do céu limpo e sereno
Milhões d'estrellas tremulas pendiam,
Quaes as nocturnas lampadas d'um templo;
E as ribas ermas sussurrar se ouviam.
D'alterosa galé o negro vulto
Corta ao largo — bem largo — o mar do Algarve;
E lá nas serras d'Africa fronteiras
Branqueja a espaços o albornoz do alarve.
Como tocheiros, com brandões accesos,
De um féretro ao redor,
Cuja vermelha luz o horror da morte
Só faz sentir melhor:
Taes as nocturnas almenáras fulgem
Nas torres d'atalaia,
Pelos outeiros, que circumdam muros
De povoação na praia.

*

Arzilla, a guerreira,
Hi jaz na afflicção,
Que a rendeu aos mouros
Elrei Dom João.
Tomar-te-ha Deus contas,
Rei fraco e prasmado,
De tão grande vilta,
De teu grão peccado.
Maldiz-te nos mares
Valente fronteiro,
Que na sé de Ceuta
Se armou cavalleiro;
Que dez aduares
Em Tanger queimou,
E em muros d'Alcacer
Dez elches matou;
Que era hoje d'Arzilla
Temido adail,
E a quem tu mandaste
Fugir como vil.

*

Vêde-o lá na gavia
Da negra galé,
De braços cruzados,
Immovel, em pé.
E a náu que arfa e vóa
Na fremente via,
Ferindo na esteira
Fugaz ardentia.
E d'Africa as praias,
Que a ré vão fugindo:

E as vagas que rolam
Distantes mugindo.
Em roda, o silencio —
No céu, noite escura: —
E o peito do triste
Confrange a amargura.

*

Do veterano as faces
O salso pranto rega;
Nos africanos montes
Saudoso os olhos prega.
Sente no seio as ancias
D'incomportavel dôr;
E ás vezes range os dentes
Em trances de furor.
Um cantico á su'alma
A indignação inspira:
Vae sussurra-lo ao longe
Aura que branda espira.

*

O canto do Adail.

Quando, ao longe, nos campos d'Arzilla,
Alvejava do mouro o albornoç,
E corria, e corria veloz
O ginete de Bellamarim:
Quando o esculca, sahido da villa
Da manhã ao primeiro fulgôr,
Não podendo a atalaia transpôr,
Vinha ás portas bater de Çafim:
Quando em Tanger, a forte, se ouvia
De armaduras continuo tinir,
E nos ares se via luzir
O montante, a acha d'armas, e o criz:
Quando em Ceuta vencida se erguia
Sobre o alcacer pendão portuguez,
Contra o qual na mesquita de Fez
A gazúa prégava o caciz:
Quando Alcacer-Ceguer, a viçosa,
Que em vergeis se reclina gentil,
Pela noite fragrante d'abril
D'entre os robles sorria ao luar;
Porque, rico de presa formosa,
Já voltou nobre alcaide christão,
E inda ao longe de incendio o clarão
Tinge o céu sobre um triste aduar:
Nossa estrella era então esplendente;
Nosso nome era um som de terror;
Nossos paes conduzia o Senhor,
Qual Judá d'entre a sarça do Horeb.
Portugal, oh leão do occidente,
Tu rugias á beira do mar,
E o teu grito cá vinha troar
Temeroso no ardente Almagreb:
Era o tempo dos crentes e ousados:
Era o tempo da gloria da cruz!
Ora contam-se as páreas d'Ormuz;
Tem só nome Cochim, Calecut.
E esses muros d'Arzilla, regados
Com o sangue de martyres mil,
Ermos hoje tu deixas, rei vil,
Porque o Estreito passou Rais Dragut!
Oh valentes da India, do oceano,
Roncadores de féros no mar,
Cuja espada, porem, faiscar
Não sabe inda do mouro no arnez,

Mostrar vinde o valor sobre-humano
Neste clima de sol mirrador!
Aqui fama se compra com dôr:
Facil gloria esquecei uma vez.

As galés do arrais mouro são fortes;
Sua chusma berbers de Takrur;
Como o vosso rei indio, Badur,
Não ha-de elle acabar á traição.

Uma festa de sangue e de mortes
Do occidente nas vagas tereis;
Elmos rijos aqui achareis,
Não o craneo d'inerte sultão!

Mercadores! — deixai vosso cravo,
A canella, a pimenta, o marfi;
Os vestidos de seda despí;
Ponde em vez de collar um gorjal.

Vella e remo soltai no mar bravo;
Vinde junto de nós combater;
Nós que Arzilla deixámos perder,
Porque elrei . . . é um rei desleal.

Para nós os castellos d'avante:
Para nós a arrombada, e bailéu:
Para nós pelejar ante o céu,
Que nos campos d'Arzilla nos viu:

Para nós o machado e montante: —
Para vós a bombardas e arcabuz: —
Para nós, ao cahir, ver a luz,
Ver a mão que estes peitos feriu:

Para nós o tombar derradeiro
Sobre o férreo esporão das galés: —
O pelouro, de sob o convez,
Cá de longe enviar . . . para vós! —

O sudario do morto fronteiro
Alva escuma da prôa será:
E em seus labios — *Arzilla!* — ouvirá
Quem ouvir sua ultima voz.

*

E elles — os fortes d'Asia — não vieram
Do cavalleiro d'Africa ao chamar:
E a náu d'elrei ao infamado Tejo

Veio aportar:

E o adail depoz as armas, rotas,
Não no espaldar;

Que nunca o bom fronteiro víram mouros
Costas voltar.

*

E tomando o bordão de peregrino,
Foi-se á Batalha, que é mosteiro pobre
De dominicos,

Frades mui santos, que os judeus queimavam,
Porque eram ricos:

No meio desses tumulos que encerram
Os despojos mortaes dos reis que foram,
Féretro antigo

O adail procurou: — de um rei soldado
Era o jazigo.

Quando o viu, ajoelhou nos degraus delle,
E palavras, que as lagrimas cortavam,
Lhe dirigiu:

Maldição para quem pedia ao morto;
Mas nada ouviu!

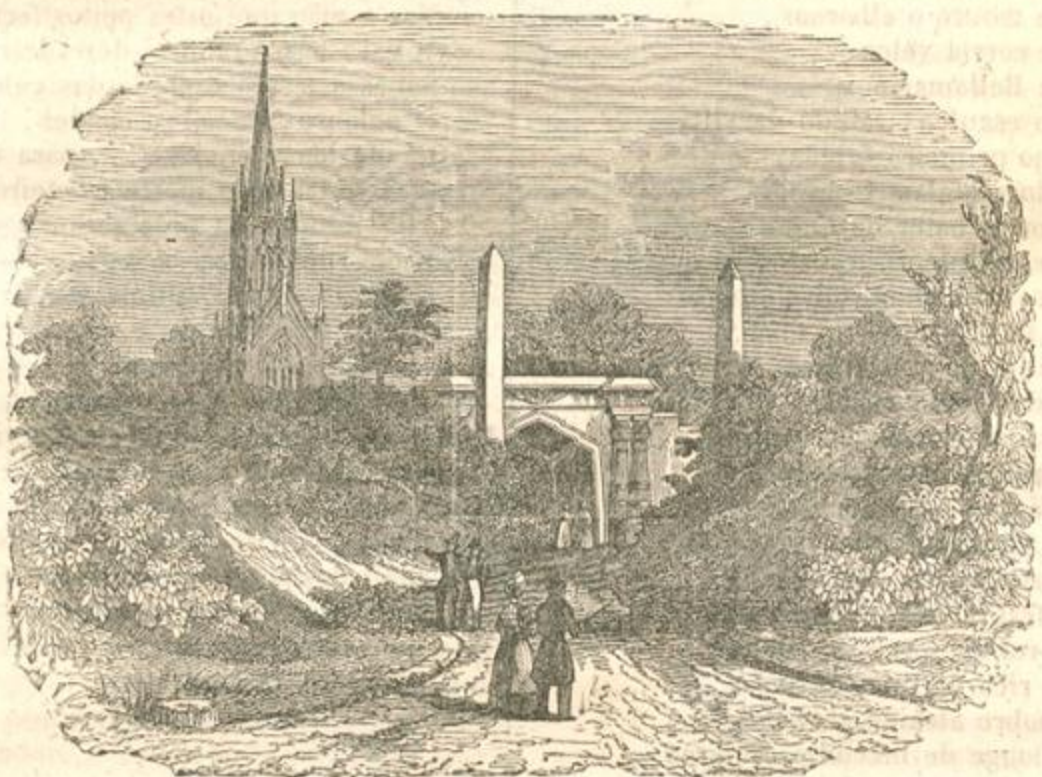
Então, lívido o rosto, os labios brancos,
A fronte lhe pendeu sobre o ataúde
Do rei extincto:

Expirára ao dizer — *perdeu-se Arzilla!* —
A Afonso Quinto.

(A. Herculano.)



IGREJA DO CEMITERIO AO NORTE DE LONDRES.



AVENIDA EGYPCIA.

«No fervor da agitação da vida iremos parar á pousada dos mortos.»—Tal foi o pensamento que nos ocorreu ao seguir a ruidosa estrada de Camden, olhando para os marcos que indicavam o trilho do Cemiterio ao norte de Londres.—Ha uma distracção para quem fôr pelo ramo inferior do caminho, suburbano da metropole, em que se desfructam algumas paizagens amenas, e que em breve espaço guia ao mesmo recinto melancholico, dando a entrada para o declive meridional da eminencia, em que a igreja está situada, e dispostos os monumentos em relação ao assento do templo.— Chamámos a este lugar melancholico pelas recordações que suscita, pelas saudades que renova, pelas feridas d'alma que de novo faz sangrar: teriamos sob esta consideração o direito de lhe darmos a denominação de triste e digno de aborrecimento:

mas a arte humana, que estuda muito para disfarçar maguas e abafar sentimentos, embellezou, quanto podia, este commum jazigo de grande parte dos moradores da opulenta e muito povoada Londres.—Pompas e applausos e monumentos funebres se não poupam de ordinario; isto é, vaidades de vivos, consolações do orgulho, que não aproveitam aos mortos; e só a familiares caprichos, a ostentações publicas satisfazem.— Não se diga, porem, que promulgando tão severa moralidade, queremos, ou como cynicos entregar os despojos mortaes ás prezas das feras, ou adoptar o meio, contagioso para os vivos, de sepultar nos recintos acobertados dentro das cidades, quer sejam templos, quer logares a esse fim especialmente sagrados:— trazemos só á lembrança o pouco apreço das honras funebres, como quem se persuade que não ha-

verá epitaphio que salve da maldicção da posteridade o homem que não andou rectamente nos caminhos da vida social: assim como não ha sarcophago que esconda o reprobado ao seu eterno e fatal destino.

A primeira vinheta mostra a igreja, da communhão protestante, no cemiterio ao norte de Londres: a segunda é transumpto do que chamam — a avenida egypcia — porque com seus obeliscos, entrada de prolongada volta d'abobada, architectura maciça e pezada, indica o estylo de construir que os egypcios tiveram: até os informes monumentos da apparição da arte tem sido imitados em miniatura pela insaciavel vontade de cousas singulares, de que se acha possuida a geração moderna.

O Bono.

1128.

VII.

O homem do zorame.

Os tres personagens que o conde de Trava víra encaminharem-se para a corredoura contigua aos muros do castello, e cujos passos e conversação mandára observar pelo pagem, iam demasiado preocupados para haverem de reparar nos jogos e brincos de Tructezindo e dos seus companheiros; e tanto mais que na viella perpassavam tambem ás vezes os ovençaes, uchões, e sergentes occupados nos preparativos do banquete, tornando assim menos notavel a pessoa do pagem, cujas feições, até, já não seria facil divisar na estreita passagem, a certa distancia, e á luz duvidosa do longo crepusculo, que no verão vem apoz o sol posto, e que era a hora a que esta scena se passava.

Essa claridade do fim da tarde seria comtudo ainda bastante forte para o Lidador e Fr. Hilarião conhecerem o mensageiro que os buscava, senão fóra o grande capuz do zorame, onde tinha como sumido o rosto, do qual apenas eram bem visiveis dous olhos brilhantes e uma espessa barba loura. Quasi ao mesmo tempo os dous haviam chegado ao pé do desconhecido, e lhe tinham perguntado d'onde vinha e quem o mandava. A resposta do peão foi tirar um pequeno rolo de pergaminho, atado com fio negro, de uma bolça de couro que trazia pendente do cinto, e pô-lo nas mãos de Gonçalo Mendez.

O Lidador recebeu a carta e perguntou de novo: «Mas quem te mandou, peão?»

«Um cavalleiro portuguez — respondeu o desconhecido — que encontrei mui malferido na albergaria dos hospitalarios em Gaza. O triste e cativo quasi que se morria.»

Estas palavras excitaram quasi ao mesmo tempo curiosidade e receios no espirito de Gonçalo Mendez; e quebrando rapidamente o fio negro entregou a carta a Fr. Hilarião, dizendo-lhe:

«Como a vós vem tambem a mensagem, lereis esses riscos pretos que ahí estão. — Por minha boa espada! — cousa é que nunca entendi.»

Não era raridade: quasi toda a fidalguia d'então se podia gabar de outro tanto.

Fr. Hilarião desenrolou o pequeno pergaminho e começou a lèr. Entretanto o Lidador fitou os olhos no peão, cuja voz lhe parecia ter já muitas vezes ouvido.

«Pobre mancebo! — exclamou o abbade, tremulo, e empallidecendo.»

«Quem? — interrompeu Gonçalo Mendez voltando-se para elle sobresaltado.

«Um cavalleiro — replicou Fr. Hilarião — que amei como filho: e que o desejo de offerecer á dama que requestava um nome glorioso, levou á Palestina. Só talvez eu soube a causa de sua partida, de que muitas vezes tentei dissuadi-lo; porque previa o que succedeu. Oh que em quanto o pobre trovador assim morria por Dulce, ella folgava em seus novos amores com Garcia Bermudez. — Mulheres, mulheres!»

«Egas Moniz é, pois, morto? — interrompeu tristemente o Lidador, que das palavras do abbade conhecêra de quem era a carta. — Mensageiro, que dizes tu? Sabes certo que elle é finado?»

Um gemido involuntario do peão, que recuára ouvindo as palavras do abbade, fóra a causa desta pergunta.

«Digo-vos, senhor — tornou o peão com voz afogada — que ora é elle morto.»

Mas o cavalleiro não reparou na sua perturbação: o monge começava a ler alto o pergaminho que tinha nas mãos. A magoa do Lidador era profunda; porque a sua affeição por Egas fóra constante e sincera. Póz-se a escuta-lo, e, bem como ao velho Fr. Hilarião, as lagrymas lhe rolavam pelas faces.

«Escrevo-te, Gonçalo Mendez — lia o abbade — nas vespas talvez de morrer. Deus porventura não quer que meus olhos tornem a ver o logar onde nasci. Novas são aqui vindas de que Fernão Perez de Trava tem reduzido á condição de vassallo o nobre filho de meu senhor, o conde Henrique. Crie-me com o infante: sei que elle não o soffrerá largo tempo, nem os ricos homens de Portugal o soffrerão tambem. A minha espada pertence áquelle de quem a recebi em Zamora: resolvi-me por isso a atravessar os mares. Um recontro com os infieis me cortou, porem, os passos. Tu, Lidador, accorrerás ao infante melhor que o seu Egas, que o seu irmão d'armas. Cem lanças entre acostados e homens de tuas honras, podes pôr em seu campo: eu a custo lhe levaria cincoenta. E, alem disso, não vale a tua espada dez vezes mais que a minha? Se a guerra fôr começada sei certo que já estarás com D. Affonso. Um pobre romeiro portuguez me jurou sobre a cruz dar-te esta carta onde quer que te encontrasse. — Faze-lhe mercê por minha alma.»

Durante a leitura do pergaminho, humedecido pelas lagrymas do velho, o desconhecido havia procurado conter as paixões que lhe agitavam o espirito. Gonçalo Mendez ficára em silencio, apertando com a mão a fronte. O homem do zorame dirigiu-se então ao abbade:

«Quanto a vós, veneravel monge, o nobre cavalleiro me ordenou vos buscasse em vosso mosteiro; que vos pedisse um trintario cerrado de vossos frades, e que vos lembrasseis delle em vossas orações. Agora que mandais de mim?»

«Vaes partir? — perguntou o Lidador, com um tom em que parecia revelar-se a desconfiança.»

Já — tornou o romeiro. — É noite; e não sei ainda se é longe se perto o termo da minha jornada.»

E de feito havia anoitecido: os paços começavam a illuminar-se, e os candelabros e tochas vertiam atravez das frestas e balcões dos aposentos reaes uma luz brilhante, cujos raios batiam de chapa no vulto rebuçado do mensageiro. O cavalleiro e o

monge olhavam fitos para elle. Depois Gonçalo Mendez disse algumas palavras ao ouvido de Fr. Hilarião, e proseguiu o seu interrogatorio:

«Para onde, pois, te diriges?—disse elle ao desconhecido, hesitando, e como quem já a custo continha na alma bem diversos pensamentos.

«Para onde Egas Moniz—respondeu com vehemencia o homem do zorame—cria que eu vos encontrasse, meu senhor cavalleiro: para o campo de D. Affonso. Peão como sou, irei pelejar por elle, que é meu senhor natural. Que os ricos-homens folguem entretanto nos paços onde estranhos governam, onde D. Thereza se esquece de que o infante é filho de D. Henrique.»

Então Gonçalo Mendez fazendo recuar o capuz que cobria a cabeça do supposto mensageiro, olhou para elle alguns instantes. Á luz nocturna que o allumiava reconheceu-o então. As suas vivas suspeitas se haviam realisado.

«Egas! Egas!—exclamou, apertando-o ao peito—pensavas que o som da tua voz podia nunca esquecer-me?—Como ousaste assim entrar em Guimarães;—tu, sobrinho do senhor de Cresconhe; tu, um dos da linhagem de Riba de Douro?—... Para que esta carta cruel que veio arrancar lagrymas ao bom Fr. Hilarião, que te ama como um filho? Cria-te ainda na Syria.»

«De lá cheguei ha poucos dias—respondeu o mancebo, lançando um dos braços á roda do peçoço do velho monge que tentava tambem abraçalo chorando, mas de contentamento.—As primeiras novas de que o infante e os infanções de Portugal tentavam sacudir o jugo do conde de Trava dirigi-me ao arraial de D. Affonso que se encaminhava para aqui. Lá o teu nome era affrontado com o titulo de desleal pelos teus inimigos. Estavas em Guimarães: as apparencias condemnavam-te, e o meu coração padecia. Vim pois dizer-te—Lidador, é tempo de combater! Queria, porem, saber primeiro se as minhas palavras tinham na tua alma a mesma força que d'antes: queria saber se a tua amizade havia expirado como o amor de Dulce, que eu já sabia se esquecerá de mim: foi para isso esta carta. Sei agora ao certo que ainda te posso dar o suave nome de amigo: sei emfim que a amizade dura mais que o amor. Vós—acrescentou elle voltando-se para o monge—perdoaes-me por certo a magoa que vos causei!»

«Oh, meu filho, meu filho! replicou Fr. Hilarião: para que vieste expôr-te á vingança de Fernão Perez, que mortalmente odêa a linhagem de Riba de Douro? Podias tu duvidar da lealdade do mais generoso e valente dos ricos-homens de Portugal?...»

«Não; mas era necessario que pudesse dizer aos que de desleal o accusam:—vós mentís, e sobre isso porci meu corpo; e mentís porque de sua boca ouvi eu que na hora do combate o seu pendão se hasteará junto da signa do infante. Não direi nisso a verdade, meu bom e leal cavalleiro?»

«Egas—respondeu o Lidador:—que te importam a ti ou a mim os ditos de alguns sandeus? Quando elles ousarem vir a Guimarães dizer o que ainda hoje Gonçalo Mendez disse na curia ao conde de Trava, te-los-hei então por mais esforçados e mais leaes do que elle. Até o fim procurei evitar esta guerra atroz d'irmãos. Perdi a derradeira esperanza. Agora volta ao arraial; e podes affirmar a Affonso Henriquez que dentro de dous dias outenta homens d'armas e sessenta bésteiros da terra da

Maia estarão no seu arraial. Dize-lhe mais, que o traidor Gonçalo Mendez espera com vinte cavalleiros que elle chegue para se unir a seus pendões, não de noite como salteador covarde, mas á luz do do meio-dia, em que peze ao conde de Trava.»

A indignação do rico-homem rompêra como torrente; o monge, porem, confrangia-se, lembrando-se do perigo a que se expozera o imprudente Egas Moniz. Assim, interrompendo-o, disse ao mancebo:

«É necessario que partas já. No meio do ruido e confusão do banquete; entre a multidão de gente que vaguêa ainda pelo castello e pelo burgo, ninguém te conhecerá. Mas qualquer imprudencia pôde perder-te: qualquer imprudencia!... Repara bem Egas. Estes paços encerram para ti a morte.»

Eram o amor e o ciume do moço trovador que o bom do monge mais receava. Sabia quanto elle amava Dulce: conhecia a violencia das suas paixões, e que a do ciume devia ser terrivel naquelle coração. Porventura o motivo da sua vinda a Guimarães não fóra só o que dizia. Estas idéas, que de golpe tinham occorrido a Fr. Hilarião, lhe faziam desejar com tanto affinco a partida breve do cavalleiro.

«Não sei porque a minha vida periga dentro destes muros—replicou Egas Moniz. Ha mui poucos dias que cheguei a Portugal; e o conde de Trava não sabe se o meu balsão fluctua no arraial do infante...»

«Esqueceste depressa na Terra santa—interrompeu o monge—que quando ha um cadaver d'assassinado entre familia e familia, a vingança, segundo o brutal fóro d'Hespanha, que os santos canones ainda não poderam destruir, dura de paes a filhos; convoca, sob pena de deshonra, todos os parentes do morto e do assassino a lides atrozes e a odios implacaveis. A linhagem de Riba de Douro segue toda os pendões do infante. O conde folgaria com que a de Trava e Trastamara fosse chamada a defender os delle pela voz imperiosa do que ricos-homens e infanções crêem brio e dever. Lembra-te, meu filho, da linhagem a que pertences, de que o conde é homem feroz, e que tu serias uma victima illustre para pretexto de perpetua guerra de homiziõ entre Portugal e Galliza.»

O mancebo ficou por algum tempo pensativo e murmurou:—«cumprir-se-ha meu destino! Depois voltando-se para o abbade disse-lhe:—«Ficai tranquillo, bom Fr. Hilarião, esta mesma noite sahirei de Guimarães.»

«E breve!—acudiu o Lidador.—O esforço não exclue a prudencia. Se todavia alguém tentar embargar-te os passos não te esqueças de que Gonçalo Mendes está aqui, e que tem consigo vinte escudeiros valentes.»

Neste instante as trombetas tocavam pelos eirados do paço e pelos adarves do castello, e ouviam-se romper da banda da sala d'armas os sons asperos e vibrantes das charamélas.

«É o signal de que começa o banquete—notou o abbade, a quem semelhantes sons eram suaves, ainda nas maiores angustias.—É necessario apresentarmo-nos a tempo, para não causarmos suspeitas.»

Egas apertou a mão do Lidador, abraçou o monge, e puxando o capuz do zorame para diante, seguiu ao longo da viella, em quanto os dois retrocediam e se encaminhavam para a escada principal do palacio, com passos lentos e conversando em voz

baixa. Antes de chegarem acima viram passar por elles um pagem galgando os degraus quatro a quatro, e rindo como um perdido.

«Estes rapazes são doidos!» — disse o monge para o seu companheiro de modo que o pagem o ouvisse.

Este olhou para traz, fitou os olhos em Fr. Hilarião com gravidade comica, e deu uma gargalhada, continuando a galgar a escadaria.

Era Tructesindo.

(Continuar-se-ha).

(A. Herculano).

PORTUGAL.

XXIV.

COMO A VILLA DE SANTAREM HOUVE VÁRIOS NOMES (*).

Muito remotos, e escuros são os tempos a que houveramos de recorrer, se tomássemos por empreza escrever ácerca da fundação desta antiquissima villa: e se os tempos, por apartados, nos dariam grande, e por ventura baldado trabalho, em rastrear a verdadeira era, não nos dariam menor as incertezas das historias, e das memorias, que nos ficaram dos diversos povos, e gentes, que ou por varios casos, ou por atrahidos da riqueza, fertilidade, e doçuras deste nosso paiz, delle se fizeram senhores, e por elle fizeram e soffreram durissimas guerras, e continuados sustos. O que se póde ter por sem dúvida é que os fertilissimos campos de Santarem, e a natureza defensavel daquelle logar convidariam desde logo os primeiros habitadores deste paiz a ficarem alli de assento, e a edificarem a villa naquelle mesmo ponto, que a natureza formára como atalaia, e defensão dos riquissimos e alegres valles que o cercam. Não nos embarçaremos aqui com a natureza, origem e costumes desse primeiro povo, que lançou os fundamentos desta tão formosa e tão historica villa; pois que tratando sómente do seu nome, ou nomes, força é que sobresaltemos todas essas verdadeiras ou fabulosas historias, e que apenas apontemos os successos que se casam com o nosso ponto; nem entenderemos na fé que nos elles merecem. O primeiro nome, de que havemos memoria, que os antigos lusitanos dessem a esta nossa villa, foi *Scalabis*, e tambem *scalabicastrum*, ambos procedidos da mesma origem, e prendendo no mesmo successo, o qual, segundo as historias, passou quasi doze seculos antes da era vulgar por esta fórma. Levando os lusitanos daquelle tempo grande enfado na duração do seu governo republicano [senão era que amestrados pela experiencia queriam ser governados por outra melhor fórma] elegeram rei um natural, chamado *Gorgoris*, de cujos espiritos e boas partes esperavam grandes melhoramentos para o paiz, e mormente para a agricultura, em que era homem entendido, e de grande reputação por haver introduzido, ou animado a criação das abelhas, e o uso do mel e da cera: se outras doçuras, ou outras luzes trouxe a este povo o novo rei, não o sabemos nós: o mais que nos diz a historia, e o que vem ao nosso caso é que uma sua filha dera á luz um menino, que por certo não fóra desejado, nem esperado por elrei, seu avô; e que por isso, e pelo mais, que dahi poderá arre-

cear por si, e pelo reino, o mandára elle matar, e lançar ao Tejo, julgando que com a morte deste innocente ficaria mais segura, ou menos offendida sua corôa: porem baldado foi este barbaro empenho; que os decretos da Providencia estão muito fóra dos compassos da prudencia e da ardileza humana. O Tejo, que em maravilhas não devia de ser inferior nem ao Nilo, nem ao Tibre, senão que aos mais famosos do mundo tinha de ser igual ou superior; o Tejo toma brandamente em seus braços o menino, e como que o vai acalentando até o encostar em mimosa cama de rosas e de mangerona na margem proxima áquelle sitio aonde está a villa de Santarem, e aonde foi salvo e creado, dando depois, do seu proprio nome — que foi *Abidis*; e do successo — nome á villa *Scalabis*, ou *Escalabis*, como se dissera *esca Abidis*, isto é logar aonde *Abidis* foi alimentado. Não occultaremos a circumstancia, que nos referem as historias, de que foi uma corça quem primeiro acudiu ao menino e lhe serviu de ama: nesta parte não tem o nosso *Abidis* que invejar a *Cyro*, ou a *Romulo*.

O segundo nome que teve esta villa foi *Julium Præsidium* em obsequio de *Julio Cesar*, quando já quasi toda a Lusitania estava feita colonia romana, e se dava por grande honra este titulo ás suas melhores cidades e villas: nem se julgue que foi só á força d'armas que Roma alcançou tanto favor dos lusitanos; que bem cara lhe custou a confiança que nellas punha, vendo muitas vezes rotos e vencidos seus exercitos por este povo; e não podendo levar d'elle o melhor senão por feias traições, ou por grandes promessas e muita brandura. Este ultimo partido seguiu *Julio Cesar*, e logrou com privilegios, honras, isempções e liberalidades, o que não podéra alcançar com o esforço de seus exercitos; viu abrandar-se o orgulho lusitano, e pacificar-se esta rica provincia. Foi então celebrado seu nome por muitas partes. *Béja* tomou o nome de *Pax Julia*, *Evora* o de *Liberalitas Julia*, *Mertola* o de *Julia Mirtilis*, *Lisboa* o de *Felicitas Julia* com as honras de municipio de cidadãos romanos para os seus moradores, e *Santarem* trocou o nome de *Scalabis* por o de *Julium Præsidium* como levámos dito. Mas nem a grandeza das honras, nem a lembrança dos beneficios, que de *Julio Cesar* receberam os lusitanos, poderam apagar em corações tão avessos ao dominio estranho o que delle conservavam e lembravam esses nomes: acabaram, e quasi que estão esquecidos!

[Concluir-se-ha.]

A ELEVAÇÃO DO HOMEM SEM MERITO.

CADA homem tem o seu talento que deve cultivar, o seu destino que deve seguir, a sua méta que não deve ultrapassar. Se cultiva um talento que a natureza lhe não deu, se segue um destino que ella lhe não marcou, se ultrapassa a méta que ella lhe poz, perde o tempo, o trabalho, a consideração que d'outra sorte alcançaria; e torna-se um objecto de desprezo e de riso.

Todo o que pertender, como o atrevido *Icaro*, sahir fóra da sua esphera natural, e alar-se a uma região que lhe não pertence, valendo-se unicamente das azas de sua vaidade, tão perigosas e frageis como as de cera que *Icaro* levava em sua temeraria ascensão, conte que hade voltar para o ponto d'onde sahiu, e será muito feliz se não destroncar

(*) Vid. a noticia de Santarem com uma estampa a pag. 172 e segg. do vol. 3.º da 1.ª Serie.

as pernas no seu retrocesso. Os repetidos naufragios destas machinas acrostaticas deverão escarmentar os presumidos; mas a filauca é incorrigivel, e zomba de todas as lições da experiencia.

Gire cada um dentro do seu círculo, que do contrário tirará desagradaveis resultados. Dispa-se de invejas e d'ambições, e não passará pela semsaboria da gralha da fábula, que, namorada da formosura das pennas dos pavões, e querendo fazer figura no meio destas aves, voltou espicaçada e coberta de vergonha para a sua grei. O mundo compõe-se de tudo, tem pavões, e tem gralhas: ser gralha não é villeza, mas querer ser pavão é loucura. Cada ente tem o seu destino, e a sua importancia: se os pavões se gloriam da sua bella plumagem, as gralhas podem gloriar-se de ter ensinado os caractéres das lettras aos homens, como disse Lucano nos seus versos. Ninguem se vá metter onde não cabe, nem queira representar no theatro da sociedade papel para que não tem arte: se nasceu para o ridiculo, não aspire ao serio; se tem alma para o pathetico, deixe o terrivel; se sahiu azado para lacaio, não vista a purpura, nem empunhe o sceptro. Esta doutrina está toda cifrada no canon de logica: —

Nihil aggreditor, invita Minerva.

*Não se abalance a nada algum mortal
Contra seu genio, e instincto natural.*

Os que se deslembam deste saudavel aviso, tão documentado pelas lições da experiencia, de ordinario são victimas do seu orgulho e da sua vaidade, e merecem que se diga delles o mesmo que o nosso Miguel do Couto Guerreiro diz, na sua Arte poetica, dos que se mettem a poetas sem vêa: —

*Elles tem para versos tanto succo
Como para solfista tem o cuco.*

O publico, da sua parte, põe-se a rir de todos os que menoscabam esta maxima salutar, e que procuram uma importancia que a natureza lhes não deu, como todas as aves se riem das vaidosas pertenções do cantor de maio: —

*Houve grande galhosa, tudo ria
Dos louvores que o cuco pertendia.*

Nem as artes, nem as sciencias, nem as republicas hão mister dos serviços de homens, que não nasceram para exercer as primeiras, para cultivar as segundas, para administrar as ultimas. Mas deixando tudo o mais, consideremos só — A elevação do homem sem merito. —

Se os homens tivessem menos orgulho, vaidade e ambição, e mais alguma tintura de modestia, e mesmo de um amor proprio mais delicado, as republicas seriam mais bem servidas, e não veriamos tanta gente elevada, que, para interesse seu e do publico, nunca deveria passar da esteira em que a natureza os collocára, marcando-lhes expressamente o seu destino pelo talento e pela habilidade que lhes déra.

O nosso seculo appresenta, nesta materia, uma carreira tão pouco delicada, que desafia a indignação e o riso dos homens sisudos e cordatos. Vemos que hoje cada um se constitue juiz de seu merito pessoal, e que o não julga devidamente considerado e premiado, em quanto ha uma vantagem a conseguir, uma honra a lucrar, um interesse a haver, um degrau a subir na escala da jerarchia social.

Os antigos esperavam que os chamassem para os cargos; os modernos procuram-nos. Os antigos, ainda depois de chamados, hesitavam muitas vezes, meditavam consigo, ajudavam-se do conselho dos amigos, olhavam para o peso do emprego e para a capacidade dos hombros, entendiam-se com o céu, e não eram poucos os que acabavam por agradecer a mercê, sem se poderem resolver a acceita-la. — Agora qualquer homem, que não tem muitas vezes outra importancia senão a que elle mesmo dá a si, julga-se asado para tudo, e trabalha para se collocar onde a ambição e a vaidade proprias lhe dizem que é o seu logar.

As circumstancias dos tempos fazem muitas vezes reputações que nunca existiram, nem existiriam para todo o sempre, a não ser o poder magico e creador das mesmas circumstancias. Vale hoje um homem, d'uma *apoucadissima mediania*, porque vende, a quem quer que o tire da sua obscura e devida posição, a sua *omnimoda* cooperação. Alguem que precisa destes *manequins*, com quanto conheça a sua nullidade, considera-os, ajuda-os, facilita-lhes a elevação, e vai rindo ás escondidas dos miseraveis, e fazendo os seus *arranjos*. Os nossos homens, cujo relevante mérito está cifrado no seu orgulho e no seu descommedido atrevimento, tufam a bochecha, alteam o sobrolho, regulam methodicamente o movimento dos olhos, concertam os ademanes, mesuram o passo, compassam as fallas, e reputam-se umas notabilidades, que ainda merecerão uma estatua, ou ao menos um epitaphio honroso que os distinga lá no campo da igualdade. Quem os ajudou vai bem: tira o seu interesse, tem os seus escravos, e, emfim, lá sabe o seu jogo. A republica, porem, e aquelles que os soffrem é que não vão da mesma sorte: — a republica porque é mal servida, e os que os soffrem porque são victimas da sua inaptidão.

Elles que se levantaram do logar onde a natureza os collocára [que bem sabe o que faz!] dão por páus e por pedras, e, segundo o citado Guerreiro: —

*Por isso de seus loucos desvarios
Tiram só pateadas e assovios.*

Os que estão de fóra vendo a representação comecem de rir a panno cheio, como as aves se riem do pardal de que já fallámos, e vão dizendo uns para os outros, fazendo uma engraçada parodia dos versos de Guerreiro: —

*Elles tem para empregos tanto succo
Como para solfista tem o cuco.*

(O Moralista.)

Bosques petrificados. — Na margem occidental do Missouri, [Norte-America] algumas milhas acima do sua junção com o Yellow-stone [o pedra-amarella], as lombas das serras, que estão superiores ao nivel do rio obra de 84 toesas, mostram um phenomeno credor de mui especial observação; porquanto a superficie inteira desse terreno se descobre semeada de troncos, raizes, e ramos de arvores, mas tudo convertido em substancia de pedra: — quem as vê, capacita-se que algumas arvores foram arrancadas pelas raizes, outras partidas acima do pé. — Dois officiaes das tropas dos Estados-Unidos [vulgó America ingleza] mediram um dos troncos maiores e acharam-lhe vinte e dois palmos de circunferencia.